

Morte contemporânea: rastros valiosos e duradouros ou negação da morte?

Contemporary Death: Valuable and Lasting Traces or Denial of Death?

Muerte contemporánea: ¿huellas valiosas y duraderas o negación de la muerte?

FRANCIELLY ZILLI, IRIS ELIZABETE MESSA GOMES, MARA AMBROSINA DE OLIVEIRA VARGAS,
DULCINEIA GHIZONI SCHNEIDER, FLÁVIA REGINA SOUZA RAMOS

Francielly Zilli

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
franciellyzilli.to@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9697-2709>

Iris Elizabete Messa Gomes

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
irismessagomes@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0496-5892>

Mara Ambrosina de Oliveira Vargas

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
ambrosina.mara@ufsc.br
<https://orcid.org/0000-0003-4721-4260>

Dulcineia Ghizoni Schneider

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
dulcineia.schneider@ufsc.br
<https://orcid.org/0000-0002-4842-2187>

Flávia Regina Souza Ramos

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
flareginaramos@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0077-229>

Correo de correspondencia:

franciellyzilli.to@gmail.com

Fecha de recepción: 03/01/2024

Fecha de aceptación: 11/04/2024

Financiación: este trabajo no ha recibido financiación

Resumen

Ensayo reflexivo cuya propuesta aborda el informe contemporáneo titulado “Black Mirror” de la vida real: Brasil funda Startup para recrear personas muertas, escrito para la revista Forbes Brasil y publicado el 20 de septiembre de 2020. Lo que nos interesa problematizar en este ensayo se refiere al gobierno del otro, a la disciplina y a los posibles cambios biopolíticos resultantes de esta eternización de uno mismo. A partir de los Estudios Culturales, utilizando específicamente conceptos de Foucault y Byung-Chul Han, analizamos cómo se presentan los discursos sobre la muerte en este informe, entendiendo el gobierno de los cuerpos y las formas de vida, en una perspectiva en la que una identidad humana sería mapeada, procesada y monetizada en una inteligencia artificial. Ampliando el significado foucaultiano, estaríamos pasando de la sociedad disciplinar y biopolítica a la sociedad de ingresos y de la “psicopolítica”, del panóptico al panóptico virtual o digital. Es seductor mantenerse vivo y producir emociones positivas en las personas que amamos, incluso después de nuestra muerte. Para los profesionales de la salud, estas reflexiones son válidas en la conducción de cuidado, las prácticas asistenciales y en la comprensión de la finitud.

Palabras clave: Estudios culturales; muerte; medios de comunicación de masas; discurso; subjetivación.

Conflicto de intereses: las autoras declaran que no hay conflicto de intereses



Licencia: este trabajo se comparte bajo la licencia de Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional de Creative Commons (CC BY-NC-SA 4.0): <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

© 2024 Francielly Zilli, Iris Elizabete Messa Gomes, Mara Ambrosina de Oliveira Vargas, Dulcinéia Ghizoni Schneider, Flávia Regina Souza Ramos

Citación: Zilli, F., Messa Gomes, I. E., Oliveira Vargas, M. A., Ghizoni Schneider, D., & Souza Ramos, F. R. (2024). Morte contemporânea: rastros valiosos e duradouros ou negação da morte? *Cultura de los Cuidados*, (69),245-255. <https://doi.org/10.14198/cuid.220300>



 *cambiar QR*

Abstract

Reflective essay whose proposition addresses the contemporary report entitled “Black Mirror” of real life: Brazilian founds Startup to recreate dead people, written for Forbes Brasil magazine and published on September 20, 2020. What interests us to problematize in this essay concerns the government of the other, the discipline and the possible biopolitical changes resulting from this eternization of oneself. From the Cultural Studies, specifically using concepts of Foucault and Byung-Chul Han, we analyze how the discourses about death are presented in this report, understanding the government of bodies and ways of life, in a perspective in which a human identity

would be mapped, processed and monetized in an artificial intelligence. Expanding the Foucaultian meaning, we would be moving from disciplinary society and biopolitics to income society and from “psychopolitics”, from panopticon to virtual or digital pan-optical. It is seductive to stay alive and produce positive emotions in the people we love, even after our death. For health professionals, these reflections are valid in the conduction of care practices and in understanding finitude.

Keywords: Cultural studies; death; mass media; address; subjectivation.

Resumo

Ensaio reflexivo cuja propositiva aborda a reportagem contemporânea intitulada “*Black Mirror*” da vida real: brasileiro funda Startup para recriar pessoas mortas, escrita para a revista *Forbes Brasil* e publicada no dia 20 de setembro de 2020. O que nos interessa problematizar neste ensaio diz respeito ao governo do outro, à disciplina e às possíveis modificações biopolíticas resultantes dessa eternização de si. A partir dos Estudos Culturais, especificadamente utilizando conceitos de Foucault e Byung-Chul Han, analisa-se como os discursos acerca da morte são apresentados na referida reportagem, entendendo o governo dos corpos e dos modos de vida, numa perspectiva em que uma identidade humana seria mapeada, processada e monetizada em uma inteligência artificial. Ampliando a acepção foucaultiana, estaríamos transitando da sociedade disciplinar e da biopolítica para a sociedade do rendimento e da “psicopolítica”, do panóptico para o “pan-óptico” virtual ou digital. *É sedutor permanecer vivo e produzir emoções positivas nas pessoas que amamos, mesmo depois de nossa morte. Para profissionais da saúde essas reflexões são validas na condução das práticas de cuidado e na compreensão sobre a finitude.*

Palavras-chave: Estudos culturais; morte; meios de comunicação de massa; discurso; subjetivação.

MORTE: SUA INVISÍVEL VERDADE, SEU VISÍVEL SEGREDO

Ao longo da história, a morte foi compreendida e vivida pelas sociedades de diferentes formas (Ariès, 2017). Nesse contexto, a medicina busca por séculos estabelecer a relação entre a doença e a vida. No início do século XIX encontrou na morte uma via para a doença tomar corpo em um espaço que coincide com o do organismo, tornando a própria doença especializada e individualizada (Ariès, 2017). É essa corporificação da morte que proporcionou as problemáticas cronológicas relacionadas à vida-doença-morte, onde a discussão aponta que “não é porque caiu doente que o homem morre; é fundamentalmente porque pode morrer que o homem adoecer” (Foucault, 2011, p.177).

A morte é indicada como sendo um problema dos vivos (Elias, 2001). É o conhecimento da finitude que proporciona um certo problema para os seres humanos, logo, essa compreensão —da morte como um problema— pode justificar alguns ritos e crenças que encontramos ao longo da história da sociedade, como aqueles associados à promessa de que a morte não era o fim e que rituais condizentes asseguravam a vida eterna (Elias, 2001).

As mudanças sociais, culturais, econômicas e históricas da sociedade em relação à morte ocorreram e ocorrem de forma lenta e muitas vezes despercebidas. A vivência da morte na Idade Média refletia as condições de vida da época, assim, a morte era tida como domada, ou seja, aquela morte anunciada e compreendida a partir do saber da sua chegada, sendo vista como algo familiar e como um evento cotidiano (Ariès, 2017; Ariès, 2014; Veras & Soares, 2016).

Por volta dos séculos XI e XII a morte, de forma sutil, vai sendo compreendida a partir da morte de si, ou seja, de uma consciência coletiva, a morte ocupa o lugar da consciência de si mesmo. Sendo seguida da morte do outro, a partir do século XVIII, um tanto dramatizada, falsamente romantizada e pouco familiarizada, a morte é vista como uma ruptura e como algo indesejável. Por fim —na trama histórica de algo que não se acaba—, o que encontramos é a compreensão da morte inaudita, cada vez mais negada, pouco falada, urbanizada e industrializada, expulsa da sociedade. Características estas que foram se modificando de modo lento e imperceptível, e são apontadas desde a segunda metade do século XIX, quando a morte é vista como suja e inconveniente, sendo reforçadas pelo avanço do século XX e a transferência da morte para o hospital (Ariès, 2017; Ariès, 2014; Veras & Soares, 2016).

Os modos de vida das sociedades medievais eram mais precários, a vida mais curta, os perigos mais desconhecidos, as dores menos controladas e a morte era uma questão pública³. Na sociedade contemporânea, os sujeitos compreendem a morte com relutância e medo. O medo associado à morte —impulsionador do distanciamento— é compreendido a partir do nível social, no contexto da poluição ambiental ou das armas atômicas, diversos estágios da civilização com menor pacificação interna, controle de epidemias e de outras doenças (Elias, 2001).

Se a morte passa a ser mais controlada, pelo menos em muitas de suas formas, poderia também ser controlada como destino? A eternização das pessoas pode ser uma conquista alcançável? Por que não eternizar as pessoas? Por que não criar alternativas que possibilitem a sensação da vida eterna em uma versão contemporânea?

Saindo dos ritos e crenças do passado, hoje encontramos alternativas tecnológicas para nos tornarmos presentes na vida das pessoas mesmo após a nossa morte. Entre os possíveis questionamentos e inquietações que isso poderia proporcionar, o que nos interessa problematizar neste ensaio diz respeito ao governo do outro, à disciplina e às possíveis modificações biopolíticas resultantes dessa eternização de si.

Diversos são os caminhos que podem direcionar nossas reflexões para a temática do fim da vida. As escolhas feitas partem de uma imagem ficcional de um mundo distópico para fundir-se ao que já se apresenta como real. É a realidade contemporânea que se viraliza em discursos que nos atravessam e reafirmam as estratégias de distanciamento da morte. Assim, foi realizada a análise de um artigo (Calais, 2020) publicado na *Forbes Brasil* na perspectiva dos Estudos Culturais, objetivando problematizar a morte na contemporaneidade.

PENSANDO DIFERENTE DO QUE SE PENSA

O que nos motiva a discorrer sobre a problemática da morte a partir da reflexão de uma reportagem contemporânea é a possibilidade de nos afastarmos de discursos normalizadores sobre o fim da vida e assumir o desafio posto por Michel Foucault, quando afirma que “existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferente do que se pensa, e perceber diferente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir” (Foucault, 2014, p.13). Assim, encontramos, em um diferente modo de ver o fim da vida, diferentes formas de problematizar o controle dos corpos e a subjetivação da vida para a morte.

Para isso, propomos um exercício analítico utilizando como material empírico a reportagem “*Black Mirror*” da vida real: *brasileiro funda Startup para recriar pessoas mortas*, escrita por Beatriz Calais (2020) para a revista *Forbes Brasil* e publicada no dia 10 de setembro de 2020. Acreditamos que é a partir dos discursos que podemos compreender —ou lançar novos questionamentos e desconstruir determinadas verdades para— os modos de constituição dos sujeitos e as relações de saber e poder (Almeida, Silva, Santos, Almeida, Silva, Santana, 2020).

Na reportagem, Calais (2020) conta a história de Deibson Silva, pesquisador e neuropsicólogo formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), que criou um aplicativo com o intuito de “recriar uma pessoa na nuvem”. Assim como na referência utilizada —da série Britânica “Black Mirror”, no episódio sobre uma viúva que experimenta um novo serviço de contato com os mortos por meio de uma versão virtual de seu falecido marido—, a invenção demonstra como a tecnologia pode tornar reais projetos que há alguns anos poderiam ser pensados como impossíveis.

A mídia não envolve somente uma discussão sobre linguagem, ou estratégias de construção de produtos culturais, mas ela representa a própria discussão sobre o poder e as formas de subjetivação contemporâneas (Fischer, 2012). Isso significa admitir que o modo como um veículo se comunica com seu público constitui/forma/modifica modos de subjetivação dos sujeitos —neste caso—, relacionados com a finitude da vida.

Não temos a pretensão aqui de reforçar determinados discursos que normatizam a morte contemporânea, tampouco afirmar como verdadeiro e legítimo os modos de desconstrução desta normatividade apontada na reportagem publicada pela *Forbes*. Dessa forma, caminhamos instigados pelas reflexões de Foucault (1995), quando este diz que “nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa exatamente o mesmo que ruim. Se tudo é perigoso, então temos sempre algo a fazer”. Sendo assim, buscamos o “hiperativismo pessimista”, ou seja, o distanciamento da apatia que não conduz a novas reflexões (Foucault, 1995, p.256).

Para tornar isso possível, conduzimos a problemática acerca do caráter formador das mídias sociais e a análise dos discursos apresentados pelas reflexões de Michel Foucault, mais especificamente pelas noções de governamentalidade e subjetivação. Ainda, buscamos dialogar com demais pensadores contemporâneos, com o intuito de fortalecer problematizações, sem a pretensão de esgotar as discussões, procurando ampliar olhares e, assim, atualizações contemporâneas a conceitos apresentados inicialmente por Foucault, como o caso da biopolítica, para a qual buscamos sustentação e ampliação em Byung-Chul Han e na sua noção de Psicopolítica.

Assim, é importante compreender que o objeto central de investigação para Foucault sempre foi o sujeito (Foucault, 1995), ou como seres humanos se transformam em sujeitos através dos modos de subjetivação. Ou seja, “nos tornamos sujeitos pelos modos de investigação” —no campo do saber—; nos tornamos sujeitos “pelas práticas divisórias” —nas relações de poder que classificam e dividem—; e nos tornamos sujeitos “pelos modos de transformação que os outros aplicam e que nós aplicamos sobre nós mesmos” —no trabalho e pensamento sobre si mesmo (Veiga-Neto, 2007, p.111).

LEGADO DA MORTE E NOVAS CONSTITUIÇÕES SOBRE O FIM DA VIDA

As novas constituições sobre o fim da vida são aqui associadas à proposta que possibilita eternizar pessoas recriando os sujeitos em uma versão digital. O idealizador dessa proposta, Deibson Silva, apresenta que seu objetivo é permitir que, após a morte, as pessoas possam conversar com seus familiares. Para o pesquisador, “o intuito do projeto é mapear a personalidade humana e transferir tudo isso para uma inteligência artificial” (Calais, 2020), ou seja, com base em informações reunidas e processadas em relação à variadas dimensões de expressão da personalidade das pessoas, cotidiano, momentos marcantes, memórias e conhecimentos, será possível recriar os sujeitos mortos e estes serão capazes de interagir.

As formas de poder e subjetivação se fazem presentes na reportagem de Calais (2020), mais especificamente as formas de biopolítica, isto é, o poder que antes era interligado ao soberano, o qual fazia morrer e deixava viver, nos dias contemporâneos é cada vez mais associado ao fazer viver e deixar morrer (Foucault, 1999), passando a agir sobre a vida, sobre os modos de viver, em outras palavras, o poder está diretamente relacionado à regulação da vida. Neste caso, identificamos que o fazer viver precisa ser governado, direcionando às práticas de vida para que, ao deixar morrer, o legado das pessoas possa ficar eternizado e direcionar o modo de vida de outras.

Foucault (2012) apontou para a mudança do regime de biopoder que tornou as intervenções do Estado dirigidas ao cuidado com o corpo e às relações entre as doenças e a saúde. Na sociedade contemporânea, a biopolítica se configura na maneira como os problemas específicos da vida são interligados a uma tecnologia de governo (Foucault, 2008a). Na biopolítica, embora individualizados, a trama do poder atinge os corpos no tocante ao que é comum entre eles: a vida, a espécie. Neste caso, o saber que conduz as relações de poder é destinado ao controle da população (Veiga-Neto, 2007).

Portocarrero (2011), ao realizar uma análise sobre a biopolítica em Foucault, a descreve como sendo um conjunto de normas sociais que trabalham para determinar a vida do indivíduo. Assim, com o intuito de supervisionar e administrar aquilo que foge da normalidade —neste caso, o fim da vida—, a biopolítica se apresentaria como uma forma de controle preciso sobre a vida das populações.

Buscando ampliar as discussões contemporâneas, a biopolítica, aqui, passa a ser compreendida como psicopolítica, como uma análise da biopolítica neoliberal —a qual Foucault não chegou a trabalhar— que não se ocupa mais do corpo biológico do sujeito como força produtiva, mas passa a se ocupar da psique humana, onde o poder se manifesta de forma imaterial e incorpórea. Diferente da biopolítica que tinha como centralidade da produtividade humana o corpo dos sujeitos, na psicopolítica o foco passam a ser os processos psíquicos e mentais (Han, 2020).

O regime neoliberal se apresenta de uma forma sutil, fazendo com que os sujeitos reproduzam por si mesmos a trama da dominação a qual é vista como liberdade. Ser empresário de si mesmo é se autoexplorar “de forma voluntária e apaixonada” (Han, 2020, p.46).

Ampliando a acepção foucaultiana, conforme identificado em estudos mais recentes, estaríamos transitando da sociedade disciplinar e da biopolítica para a sociedade do rendimento e da “psicopolítica”, do panóptico para o “pan-óptico” virtual ou digital. Na sociedade da informação e da ultraexposição do sujeito —que assume a si mesmo como um empreendimento ou negócio a ser tornado sucesso—, a exploração dá lugar à autoexploração plena, que une explorador e explorado na mesma pessoa, o sujeito da obediência encontrado na sociedade disciplinar agora dá lugar ao sujeito de desempenho e produção (Han, 2015). Não se trata de sucumbir à tortura, censura ou controle tão bem postos por Foucault, mas de assumirmos as rédeas do automonitoramento —de torturado para o postado em identidades mapeadas e monetizadas (Han, 2020).

Compreendemos esse aplicativo como uma possível tecnologia de governo a partir do momento em que subjetiva o sujeito para que ele possa alimentar esse sistema com as suas informações cotidianas, ou seja, ao ser instigado a voltar o olhar para si, para o seu modo de vida, o sujeito direciona suas ações como sujeito social para governar e conduzir as ações do outro. Este novo modo que o sujeito encontra para governar-se, reproduzir a si mesmo, é um exemplo da forma de dominação sendo experienciada como liberdade, onde a vigilância digital é ainda mais assertiva, pois é imperceptível, o Big Data, como panóptico digital, tem sua forma de controle mais eficiente (Han, 2020). Diferente do cuidado de si regido pela ética de si e busca pela verdade, o sujeito em rede pratica a autovigilância e o autocontrole, “é um panóptico de si mesmo” (Han, 2020, p.93).

Identificamos essas características nas falas do pesquisador durante a reportagem quando este aponta que: “é preciso recriar a voz, a imagem e a tomada de decisões da pessoa falecida para que ela possa conversar e dar conselhos para seus familiares e amigos de forma fiel” (Calais, 2020). Características que nos levam para as reflexões acerca do capitalismo das emoções. Em um sistema neoliberal, as emoções são utilizadas como recursos para estimular a produção e o rendimento dos sujeitos (Han, 2020). Assim, ao utilizar um sistema capaz de reproduzir pessoas significativas que não existem mais, ele também pode despertar emoções aos seus usuários. Por meio das emoções é possível acessar os sujeitos, dessa forma, “a psicopolítica neoliberal se apodera das emoções. [...] A emoção representa um meio muito eficiente para o controle psicopolítico do indivíduo” (Han, 2020, p.75) [tradução nossa].

Este governo da vida em sociedade que ocorre por diferentes práticas, como as educacionais, econômicas, políticas e de saúde, encontra como finalidade o controle social. Ao fundamentar-se em discursos de supostos benefícios, “finge-se gozar de alguma liberdade, por exemplo, de expressão, e sacrifica-se outra forma qualquer de liberdade”, sendo assim, é caracterizado como “um dos movimentos mais nocivos da governamentalidade atual” (Cantuário, 2021, p.192).

Na reportagem (Calais, 2020), Deibson, idealizador do aplicativo, diz que a própria motivação para a criação do recurso se deu a partir de uma demanda pessoal e afetiva: “Eu perdi minha avó, que foi como uma mãe para mim, quando tinha apenas 18 anos. Ela ainda tinha muita coisa para me ensinar sobre a vida. Tive que tomar muitas decisões sozinho, então, por que não consultar uma inteligência artificial com a mesma mentalidade daquela pessoa que se foi?” (Calais, 2020).

Essa motivação pessoal de Deibson, que nos leva a refletir a respeito da projeção ao outro sobre a condução de nossas condutas —como na expectativa de poder ter contato com os conselhos da avó—, está relacionada às reflexões de Dardot e Laval (2016), os quais apontam que técnicas ou modos de viver associados a algum “guru” (*coaching* ou, no caso, a avó) objetivam um melhor domínio de si, pois, a partir disso, é possível “fortalecer o eu, adaptá-lo melhor à realidade, torná-lo mais operacional em situações difíceis [...] todos se apresentam com metodologias particulares, modos de argumentação e de feições empírica e racional” (Dardot & Laval, 2016, p.339).

Esta busca por conselhos, pelo direcionamento da vida a partir do outro, pode ser entendida como resultado de um tempo permeado por “especialistas em subjetividade” que entendem a vida e o seu significado a partir de técnicas que gerenciam o viver (Rose, 2011), ou seja, “busca-se o reflexo daquilo que se deseja, porém conforme a restrição da bolha de seu entorno” (Carvalho, 2020, p.603).

Aqui, compreendemos como pertinentes as reflexões de Rose (2011), quando aponta que:

A perspectiva de governo chama a nossa atenção para todos os numerosos programas, propostas e políticas que têm tentado moldar a conduta de indivíduos – não somente controlar, subjugar, disciplinar, normalizar ou reformá-los, mas também torná-los mais inteligentes, sábios, felizes, virtuosos, saudáveis, produtivos, doces, empreendedores, satisfeitos, cheios de autoestima, dotados de poder, ou o que quer que seja (Rose, 2011, p.25).

Como uma forma de conduzir a conduta do outro e, como consequência, incitarmos a nossa conduta, Foucault (2008b) trabalha o tema da governamentalidade, ou seja, com a “qualidade (ou modo de ser, propriedade, etc.) daquilo que é governamental” (Veiga-Neto, 2002, p.20). A compreensão do cuidado de si como uma conduta racional, aqui, é apontada como uma possibilidade para confrontar a subjetivação do sujeito neoliberal, ou seja, “em uma sociedade onde se impõem a flexibilidade, a urgência, a agilidade, a concorrência, a eficácia”, é necessário “construir-se permanentemente, manter-se mobilizado, dar sentido à vida, fundamentar suas ações” (Le Breton, 2018, p.10).

Uma vez que o objetivo do aplicativo construído está em deixar um ‘legado’ para aqueles que ficam, auxiliando a caminhada desses ao longo da vida, o cuidado de si conduz a novos modos de produzir a existência humana. Assim, o entendimento do cuidado de si se articula à noção de autogoverno (ou a extrapolação do governo pelo outro para regras transmutadas para si mesmo), abrangendo as modificações da vida a fim de se ter um “modo de vida ético, belo, brilhante e heróico” (Portocarrero, 2011, p.420). Compreendemos a construção do legado sendo direcionada por um afeto algoritmizado, “basta estar na imagem para existir”. Corroborando com as reflexões de que a subjetividade está ligada “aos processos produtivos de demandas psíquicas e comportamentais” (Carvalho, 2020, p.598), aqui, teleguiadas por algoritmos.

A ideia apresentada pelo pesquisador tende a conduzir não só a vida do sujeito que se dispôs a utilizar o aplicativo, ou dos familiares que o utilizarão como “legado”, mas também de todos os sujeitos que o aplicativo poderá alcançar, já que ele pode ser disponibilizado na versão pública: “Vai ter o modo privado e o modo público, que é quando o usuário permite que disponibilizemos seu conteúdo para quem se interessar. No futuro, também teremos uma rede de mentores virtuais [...] indivíduos que nunca se tornaram famosos, por exemplo, mas que podem contribuir muito com relatos e conhecimentos de vida” (Calais, 2020).

À atualização do conceito de biopolítica de Foucault aos tempos de agora (conforme ideia do pan-óptico digital) podemos agregar o problema associado ao fim da vida – a morte significando o máximo de digitalização da vida; —somos, mortos, tecnologia pura. Somos, mortos, a realização daquilo para o que treinamos em vida (em Instagram e Facebook)— pura virtualidade. Extraídos do cenário de nossos transtornos e defeitos, tornados apenas memória processada, editada e acessada no *Big data*, fica potencializada a capacidade de narrar-se incessantemente, eternamente. A autonarrativa customizada se desapega das fronteiras da vida corpórea e se torna imposição para existir ao infinito.

Neste ponto nos cabem os apontamentos realizados por Fisher (2012) sobre o papel das mídias nessa exposição das intimidades humanas, e da necessidade de nos questionarmos sobre como as sociedades se configuram na contemporaneidade e entendem os significados da palavra “público”, compreendendo que essa é, também, uma questão política.

O caráter formador das mídias sociais se concretiza na forma de subjetivação das pessoas e suas vidas, uma vez que se vale de formas técnicas de produção de sujeitos – ou de “produzir sujeitos que ‘devem’ olhar para si mesmos, se auto avaliar e refletir sobre seus atos” (Fischer, 2012, p. 116). Assim, o uso do aplicativo anunciaria, em certa medida, o controle do corpo daquele que se propõe a deixar esse ‘legado’, tendo ele o dever de voltar o olhar sobre si mesmo,

elevando à excelência os níveis de automonitoramento, como que editando em vida seu pós-vida, para melhor conduzir as práticas do outro.

Os processos de subjetivação que envolvem o desejo de deixar um legado —um bom legado capaz de conduzir eticamente outros sujeitos— envolve o cuidado de si, um exercício de si, um ocupar-se consigo para assim, conseguir conduzir a vida do outro (Foucault, 2012).

Ao propor uma *startup* que instiga o cuidado de si dos sujeitos para o cuidado —futuro— do outro, estamos observando uma possível atualização contemporânea do que Foucault apresentou como um sujeito ético-político, ou seja, “o cuidado ético e político para consigo e os demais pode, e deve, se fazer presente e em possibilidade de traçar caminhos juntos, em prol de uma coletividade” (Gomes, Ferreri & Lemos, 2018). Entretanto, a problemática que nos interessa aqui é questionar de que modo esse cuidado de si seria conduzido diante dos discursos da sociedade de desempenho que atravessa os sujeitos e os subjetiva para práticas neoliberais, onde, antes de direcionar a atenção para esse cuidado ético e político, conduz para práticas produtivistas.

Essas questões são reforçadas quando o pesquisador justifica a escolha do nome: “Silva acredita que todas essas ferramentas possibilitam a criação de um legado, por isso o nome da startup – *Legathum*” (Calais, 2020). Desse modo, *Legathum* fixa a ideia central da proposta, o que é deixado para o outro, o que é transmitido, a presença de vida que fica após a morte. “Silva espera que, com o seu projeto, possa fazer ressoar para sempre as vozes dos que se vão. E que, assim, a morte ocorra apenas uma vez, como uma passagem que deixa rastros valiosos e duradouros” (Calais, 2020).

Com ou sem *startup*, morremos apenas uma vez. Mas o projeto de indivíduos de sucesso pode se prolongar, com ou sem realização no presente sempre poderá ser mais, ser outra coisa, mesmo sendo o “quase-mesmo” – um dado lançado para o futuro.

Os questionamentos finais estão relacionados ao que está em jogo para deixar esses “rastros valiosos e duradouros” e são permeados pelas reflexões de Dardot e Laval (2016), quando estes apontam sobre a “subjetividade contábil e financeira”, sendo essa o resultado da “subjetivação capitalista”, na qual o sujeito se relaciona com ele mesmo como sendo um “capital humano” (Dardot & Laval, 2016). No final, precisamos atribuir cada vez mais valor a si para alimentar um sistema que será capaz de nos reproduzir após a morte e conduzir a vida dos outros de modo que estes também sejam capazes de produzir a si mesmos como empreendedores de si.

Enquanto profissionais da saúde, essas reflexões ampliam as práticas de cuidado ofertadas e favorecem o acolhimento diferenciado dos sujeitos assistidos, pois permite a sensibilidade para as mudanças contemporâneas voltadas para a condução da vida em prol da boa morte. Ainda, com este estudo, podemos ampliar a discussão sobre a condução dos corpos, a subjetivação da vida contemporânea e a possível (des)aproximação com a morte.

CONCLUSÕES

A análise empreendida a partir dos Estudos Culturais, utilizando principalmente os conceitos de Byung-Chul Han e Michel Foucault na problematização da morte na contemporaneidade, nos faz refletir sobre a dificuldade do ser humano de aceitar a sua finitude, bem como as formas de subjetivação e sujeição que na atualidade se manifestam por coação interna traduzida por obrigação de desempenho e otimização. E é esta a ideia que nos passa a *startup* para recriar pessoas mortas, quando o sujeito aceita ser um exemplo eternizado após a sua morte, a pessoa se submete ao contexto de dominação por si mesma.

É *sedutor* permanecer vivo e produzir emoções positivas nas pessoas que amamos, mesmo depois de nossa morte. O monitoramento e o controle para expressar uma vida exemplar eternizada se caracteriza como um pan-*óptico* digital. A submissão à transparência de seus atos e modos de vida com o intuito de eternidade demonstra um contexto de dominação por si mesmo, característica da sociedade atual, resultante de um dispositivo neoliberal de dominação.

Se pensarmos que ao longo dos séculos a morte e o morrer foram vividos como reflexos das condições de possibilidades sociais, econômicas e políticas de cada época, na contemporaneidade é *notória* a necessidade de problematizarmos sobre a subjetivação neoliberal na condução dos modos de morrer, na digitalização das nossas vidas e na urgência de nos tornarmos produtivos e produzindo capital, mesmo após a nossa morte. Precisamos ser valiosos em vida, deixar rastros valiosos após nossa morte e, mesmo “na nuvem”, direcionar o viver de outros sujeitos, para que estes conduzam da melhor forma suas vidas – de preferência como sujeitos do bem, empreendedores de si e econômicos para o Estado.

Ainda nos questionamos: seria essa uma forma de negar a morte ou estaríamos tornando-a também capital humano?

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, D. B., Silva, G. T. R., Santos, N. V. C., Almeida, I. F. B., Silva, I. N. C., Santana, L. S. (2020). A constituição de sujeitos a partir de Michel Foucault: o saber, o poder, os dispositivos e as técnicas de si. In: Almeida, D. B., Santos, N. V. C. *Foucault como referencial teórico metodológico na produção científica de Enfermeiras*. Ferreira de Santana: Editora Zarte.
- Ariès, P. (2017) *História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos tempo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ariès, P. (2014). *O homem diante da morte*. São Paulo: Unesp.
- Calais, B. (2020) “*Black Mirror*” da vida real: brasileiro funda startup para recriar pessoas mortas. *Forbes Brasil* [Internet]. Set [citado 08 jun 2021]; [about 1 p.]. Recuperado de: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2020/09/black-mirror-da-vida-real-brasileiro-funda-startup-para-recriar-pessoas-mortas/>
- Cantuário, V. A. P. (2021). Da imaturidade à autonomia: a resposta de Michel Foucault à pergunta “o que é a crítica?” e seus possíveis reflexos na contemporaneidade. In: Pereira, M. P. T., Zoni, M. *Encontros com Foucault*. Macapá: UNIFAP.
- Carvalho, A. F. (2020). A emersão do *homo friabilis*: subjetivação em tempo de

- cleptoafetividade. *Educação e Filosofia*, 33(68):591-616. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v33n68a2019-51962>
- Dardot, P., Laval, C. (2016). *A Nova Razão do Mundo*: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo.
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de, “envelhecer e morrer”*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fischer, R. M. B. (2012). ‘Técnicas de si’ na TV: a mídia se faz pedagógica. In: *Trabalhar com Foucault*: Arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica.
- Foucault, M. *História da sexualidade 2*: o uso dos prazeres. 5ª ed, São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- Foucault, M. (2012). Crise da medicina ou crise da antimedicina. *Verve*. 18:167-194.
- Foucault, M. (2011). *O nascimento da clínica*. 7ª ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2008a). *Nascimento da biopolítica*: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2008b). *Segurança território e população*: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade*: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (1995). Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: Rabinow, P., Rabinow, H. *Michel Foucault*: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1995). O sujeito e o poder. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: Rabinow, P., Rabinow, H. *Michel Foucault*: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gomes, M. M., Ferreri, M., Lemos, F. (2018). O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. *Fractal: Revista de psicologia*, 30(2):189-195.
- Han, Byung-Chul. (2020). *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné.
- Han, Byung-Chul. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.
- Le Breton, D. (2018). *Desaparecer de si*: uma tentativa contemporânea. Petrópolis: Vozes.
- Portocarrero, V. M. (2011). Os limites da Vida: da biopolítica ao cuidado de si. In: Junior, D. M. A., Veiga-Neto, A., Filho, A. S. *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Rose, N. (2011). *Inventando nossos selves*: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Veiga-Neto A. (2007). *Foucault & a Educação*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Veiga-Neto, A. (2002). Coisas do governo... In: Rago, M., Orlandi, L. B. L., Veiga-Neto, A. *Imagens de Foucault e Deleuze*: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A.
- Veras, L., Soares, J. C. (2016). Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. *Psico. Soc.*, 28(2), 226-236. Doi: <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p226>